

VOL II

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE MÚSICA



Javier Albornoz
(Organizador)

VOL II

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE MÚSICA



Javier Albornoz
(Organizador)

 EDITORA
ARTEMIS
2020

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Diagramação: Helber Pagani de Souza
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva:

Viviane Carvalho Mocellin

Organizador:

Javier Albornoz

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás

Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E79 Estudos Latino-Americanos sobre Música: vol II [recurso eletrônico] /
Organizador Javier Albornoz. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilingue

ISBN 978-65-87396-13-2

DOI 10.37572/EdArt_132100920

1. Música – América Latina – História e crítica. 2. Musicoterapia.
3. Musicologia. I. Albornoz, Javier.

CDD 780.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

The E-book “Estudos Latino-Americanos sobre Música” compiles top-notch research in a rich collection of works that contribute to the study of music from a multicultural approach.

The book focuses on a plurality of themes anchored in academic findings by Latin-American scholars, presented in a didactic and concise language that is accessible to both professors and students.

This series of articles presents the reader with knowledgeable insight that connects music and the modern world through varied methods and perspectives. The articles are organized into two volumes, integrating theory and practice, and encompassing a wide range of topics without losing sight of specificity.

Volume I focuses on the impact of music on society and includes studies on the complex history of music throughout Latin America and beyond, as well as the fascinating genre of electroacoustic music.

Volume II provides thought-provoking studies that focus on the performance of music and the various techniques involved in its creation, along with new ideas in the fields of music education and music therapy.

As a composer and educator, it is always at the forefront of my goals to promote the arts and the study and development of music. It is with great pleasure that I accepted the invitation to organize this book, a composite of works written by my esteemed colleagues.

I hope the reader enjoys its content as much as I did!

O E-book “**Estudos Latino-Americanos sobre Música**” reúne pesquisas de ponta em um rico acervo de obras que contribuem para o estudo da música a partir de uma abordagem multicultural. O livro enfoca uma pluralidade de temas ancorados em descobertas acadêmicas de estudiosos latino-americanos, apresentados em uma linguagem didática e concisa que é acessível a professores e alunos.

Esta série de artigos apresenta ao leitor uma visão bem informada que conecta a música e o mundo moderno por meio de métodos e perspectivas variadas. Os artigos estão organizados em dois volumes, integrando teoria e prática, abrangendo uma ampla gama de tópicos, sem perder de vista a especificidade.

O Volume I enfoca o impacto da música na sociedade e inclui estudos sobre a complexa história da música na América Latina, bem como o fascinante gênero da música eletroacústica.

O Volume II contém estudos instigantes focados na performance e nas várias técnicas envolvidas em sua criação, juntamente com novas idéias nos campos da educação musical e da musicoterapia.

Como compositor e educador, é sempre minha prioridade promover as artes e o estudo e desenvolvimento da música. É com grande satisfação que aceitei o convite para organizar este livro, um conjunto de obras escritas pelos meus estimados colegas.

Espero que o leitor goste de seu conteúdo tanto quanto eu!

Javier Antonio Albornoz

SUMÁRIO

PERFORMANCE

CAPÍTULO 1 1

PIANISTA COLABORADOR: HABILIDADES EM DESENVOLVIMENTO

[Sandra Bernabé Moreira Berto](#)

[Claudia De Araujo Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009201

CAPÍTULO 2 17

ESTRATÉGIAS DE ENSAIO PARA A CONSTRUÇÃO DO SOM COLETIVO EM COROS AMADORES
PERFORMANCE

[Paula Castiglioni](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009202

CAPÍTULO 3 23

COMPONENTES SENSOMOTRICES Y CONCIENCIA CORPORAL EN EL APRENDIZAJE Y LA
EJECUCIÓN INSTRUMENTAL

[Natalia Avella Ramírez](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009203

CAPÍTULO 4 31

A MEMÓRIA NA APRENDIZAGEM E PERFORMANCE MUSICAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

[Susan Stéphanie Opiechon](#)

[Rosane Cardoso de Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009204

CAPÍTULO 5 44

ANÁLISE HARMÔNICA COMO RECURSO AUXILIAR PARA A MEMORIZAÇÃO DE UMA OBRA
MUSICAL AO VIOLÃO: UMA PROPOSTA AO INTÉRPRETE¹

[José Simião Severo](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009205

PERFORMANCE E TÉCNICAS DE PERCUSSÃO

CAPÍTULO 6 51

IDIOMA E SONORIDADES DO REPINIQUE: PROPOSTA DE UMA ESCRITA MUSICAL

[Rafael Y Castro](#)

[Carlos Stasi](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009206

CAPÍTULO 7 59

CHOCALHOS POPULARES EM UMA PEÇA PARA PERCUSSÃO E ELETRÔNICA: BOREAL III-
PROCESSOS INTERPRETATIVOS

[Mateus Espinha Oliveira](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009207

CAPÍTULO 8	67
QUATRO ESTUDOS BÁSICOS DE ABAFAMENTOS PARA A TÉCNICA DE DUAS BAQUETAS – UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ESTUDO DO VIBRAFONE ¹	
Alisson Antonio Amador	
DOI 10.37572/EdArt_1321009208	
CAPÍTULO 9	83
PREVENÇÃO DE LESÕES MUSCULOESQUELÉTICAS EM ATIVIDADES DA BANDA MARCIAL: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE PERCUSSÃO E REGENTES	
Marcio Szulak	
DOI 10.37572/EdArt_1321009209	
EDUCAÇÃO MUSICAL	
CAPÍTULO 10	98
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO DO PIANO NO BRASIL	
Sandra Bernabé Moreira Berto Claudia De Araujo Marques	
DOI 10.37572/EdArt_13210092010	
CAPÍTULO 11	114
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TRANSMISSÃO DE CULTURA: A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CIDADE DE PIRENÓPOLIS – GOIÁS	
Aline Folly Faria	
DOI 10.37572/EdArt_13210092011	
CAPÍTULO 12	124
MÚSICA, JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: ALGUMAS DISCUSSÕES INICIAIS	
Amós Oliveira	
DOI 10.37572/EdArt_13210092012	
CAPÍTULO 13	132
A MÚSICA NA ESCOLA: O QUE OS DOCUMENTOS LEGAIS BRASILEIROS GARANTEM SOBRE A INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS?	
Plinio Gladstone Duarte Viviane dos Santos Louro	
DOI 10.37572/EdArt_13210092013	
CAPÍTULO 14	143
ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM FLAUTA DOCE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM TRABALHO DE MUSICALIZAÇÃO PARA A DIVERSIDADE ¹	
Daiane Oliveira Machado Maria Cecília de A. R. Torres	
DOI 10.37572/EdArt_13210092014	

MUSICOTERAPIA

CAPÍTULO 15	152
CONFIABILIDADE INTER-EXAMINADORES DA VERSÃO BRASILEIRA DA ESCALA NORDOFF ROBBINS DE COMUNICABILIDADE MUSICAL	
Aline Moreira Brandão André Cristiano Mauro Assis Gomes Cybelle Maria Veiga Loureiro	
DOI 10.37572/EdArt_13210092015	
CAPÍTULO 16	164
VÍNCULO TERAPÊUTICO NA MUSICOTERAPIA EDUCACIONAL	
Guilherme Seiti Kossugue Agibert Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.37572/EdArt_13210092016	
SOBRE O ORGANIZADOR	182
ÍNDICE REMISSIVO	183

ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM FLAUTA DOCE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM TRABALHO DE MUSICALIZAÇÃO PARA A DIVERSIDADE¹

Data de submissão: 06/07/2020

Data de aceite: 24/08/2020

Daiane Oliveira Machado

Centro Universitário Metodista IPA

Porto Alegre - Rio Grande do Sul

<http://lattes.cnpq.br/5456382805894429>

Maria Cecília de A. R. Torres

Centro Universitário Metodista IPA/Aposentada

Porto Alegre - Rio Grande do Sul

<http://lattes.cnpq.br/7834920626343641>

RESUMO: O presente artigo relata a experiência realizada durante o estágio supervisionado I em Música, que se refere ao espaço das séries iniciais do Ensino Fundamental, no campo da Educação Especial. O estágio ocorreu em uma Escola Estadual de Educação Especial da cidade Porto Alegre/RS no 1º semestre de 2016. O foco do estágio foi o trabalho de musicalização através da flauta doce soprano com quatro turmas com faixa etária a partir dos 15 anos de idade. O estágio teve duração de 2 meses, sendo um mês para as observações e o outro para as regências em sala de aula. O referencial teórico que embasou esta proposta traz autores como Louro e Joly, dentre outros. Neste texto será relatado como ocorreram as observações e

as regências, além das estratégias pedagógico-musicais utilizadas durante este período, assim como alguns resultados apresentados pelas turmas ao final.

PALAVRAS-CHAVE: Educação especial, flauta doce, processo de musicalização.

SUPERVISED INTERNSHIP WITH THE USE OF THE RECORDER FOR SPECIAL EDUCATION: A MUSICALIZATION WORK FOR DIVERSITY

ABSTRACT: This article reports the experience carried out during the supervised internship I in Music, which refers to the space of the initial grades of Elementary Education, in the field of Special Education. The internship took place in a State School of Special Education in the city of Porto Alegre / RS in the 1st semester of 2016. The focus of the internship was the musicalization work through the soprano recorder with four classes aged 15 years and over. The internship lasted 2 months, with one month for observations and the other for classroom conductors. The theoretical framework that supported this proposal uses authors such as Louro and Joly, among others. In this text, it will be reported how the observations and conduct took place, in

1 Parte deste trabalho foi apresentado no Simpósio de Flauta Doce da EMBAP/PR, na cidade de Curitiba, no ano de 2016.

addition to the pedagogical-musical strategies used during this period, as well as some results presented by the classes at the end.

KEYWORDS: Special education, recorder, musicalization process.

1 . INTRODUÇÃO

Nos limites deste artigo apresentamos uma experiência de estágio supervisionado de educação musical realizada no contexto da educação especial, mais especificamente com o trabalho de iniciação à flauta doce como processo de musicalização de alunos de uma Escola Estadual de Educação Especial na cidade de Porto Alegre/RS. A narrativa deste capítulo é mesclada entre as vozes da aluna estagiária e de sua docente orientadora do estágio, em um diálogo amalgamado de percepções e reflexões.

Consideramos também pertinente, ao compartilharmos este capítulo no o ano de 2020, fazermos uma atualização da revisão de literatura relacionada aos temas da educação musical no contexto da educação especial ou inclusiva. Neste sentido, trazemos como referências os trabalhos de Shambeck (2016), Keenam Júnior e Kremer (2018), Wille, Medina e Lang (2018), Biondo Júnior e Raymundo (2020), Torres e Silva (2020), dentre vários outros capítulos de livros e artigos.

2 . O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A ESCOLA

Este estágio foi realizado a partir das observações das aulas da disciplina de Artes de uma Escola de Educação Especial de Porto Alegre, e das regências em sala de aula, com turmas dos 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental, no primeiro semestre de 2016. O planejamento foi idealizado visando a musicalização através da flauta doce.

A Escola Especial conta com profissionais especializados em Artes, Educação Física e também, com a participação dos pais e da comunidade. Na Escola há uma sala específica para a aula de Artes e uma sala de música. A sala de música era utilizada também pelo Subprojeto de Música PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES) e possui um teclado e flautas doces que foram doadas para a Escola.

Ela atende alunos no turno da manhã, onde estudam os alunos mais velhos (de 15 à 50 anos), muitos com síndrome de down, autismo e desvio comportamental e no turno da tarde, onde estudam os alunos mais novos (de 6 à 14 anos), com paralisia cerebral, síndrome de down, autismo, psicopatias, entre outras especificidades. O estágio foi realizado no turno da manhã. Como já comentado anteriormente, a escola não possui aulas de música, apenas aulas de Artes, porém possui o projeto PIBID/

CAPES/IPA em música, que atuou de 2014 até 2017 na escola com 10 discentes bolsistas do Curso de Música, organizados em dois grupos, sendo que um atuava no turno da manhã e outro no turno da tarde.

A flauta doce foi escolhida como instrumento musical norteador da musicalização na Escola Especial, devido ao interesse dos alunos, que ficaram impressionados ao verem a estagiária deste presente artigo tocar para eles no projeto PIBID, ocorrido no ano anterior, e também a abundância desse instrumento na Escola, que recebeu doações do mesmo. Segundo Cuervo, “a flauta doce possui uma iniciação técnica de execução, leitura e memorização de fácil assimilação, o que facilita o processo inicial de aquisição de habilidades, tornando mais fluente o desenvolvimento das aulas” (CUERVO, 2007, p.3).

3 . AS OBSERVAÇÕES

As observações do estágio supervisionado foram realizadas na disciplina de Artes, com aulas semanais. Foram 16 horas de observação que possibilitaram um conhecimento sobre os alunos que fariam parte das regências. Morato e Gonçalves salientam que:

A observação tem sido utilizada nos cursos de formação de professores pelo menos sob dois aspectos: um, por estar associada “à concretude da ação pedagógica”, e outro, para “conhecer a realidade” na qual o ensino e aprendizagem de música estão inseridos. (MORATO, GONÇALVES, 2008, p. 126).

Durante as observações houve uma aproximação entre a estagiária e os alunos, fato importante para que a mesma pudesse conhecê-los, pois, como é uma escola de educação especial, saber das limitações e das individualidades dos alunos é fundamental para a realização de um planejamento inclusivo.

4 . ENTRE PLANEJAMENTOS E REGÊNCIAS

O planejamento foi concebido visando o conhecimento do instrumento flauta doce e dos sons que ele produz, além de buscar musicalizar os alunos a partir desse instrumento. O ensino do ritmo foi realizado com atividades corporais e também foram utilizados alguns instrumentos de percussão como tambores e ovinhos.

Como na escola as turmas eram separadas por idade, e não por desenvolvimento cognitivo, as aulas de música foram planejadas para dois grupos, o grupo A, que possuía maior desenvolvimento cognitivo e motor e o grupo B. O grupo A se subdividia em dois grupos, o grupo A1 e o grupo A2, assim como o grupo B, que se transformaria em grupo B1 e grupo B2. Cada subgrupo possuía no máximo 5 alunos. As aulas tinham duração de 45 minutos, e ocorreriam uma vez por semana no turno da manhã, totalizando 4 períodos.

O planejamento seguiu a mesma linha de atividades, tanto para o grupo A, como para o grupo B, contudo, no grupo A as atividades eram mais complexas. Os alunos nas aulas puderam desmontar a flauta doce e explorar suas inúmeras possibilidades, tocar apenas com a cabeça da flauta o ritmo da música “Bem te vi”, descobrir a digitação da nota Dó e da nota Lá, treinar a mudança de digitação que ocorre entre uma nota e outra, além de tocar o ritmo da música “Bem te vi”² com tambores e ovinhos.

O produto final do estágio supervisionado foi a prática em conjunto, com todos tocando a música “Bem te vi”. Durante as aulas um aluno cita a música “We will rock you” da banda inglesa “Queen”, portanto essa música foi agregada ao planejamento, fazendo parte das atividades realizadas.

Trazemos uma síntese de como ocorreram as regências e destacamos o que chamou a atenção durante essa experiência. A descrição das regências será subdividida em grupos, como ocorreu nas práticas em sala de aula.

5 . GRUPO B1

As flautas foram entregues aos alunos para que desmontassem e tentassem soprar, apenas com a cabeça da flauta, o ritmo da música “Bem te vi”. Uma aluna não estava conseguindo fazer o ritmo, então foi solicitado para que ela tentasse fazê-lo caminhando pela sala, depois com palmas, para só então passar para a flauta. Ela, após caminhar fazendo o ritmo pré-estabelecido e após bater palmas, pegou a flauta novamente, conseguindo tocar com pouco menos de dificuldade a célula rítmica.

Segundo Louro:

Diante de um aluno especial que possua muita dificuldade em compreender e / ou executar os aspectos musicais, um professor de música pode achar que ele é incapaz de aprender música, sejam questões práticas ou teóricas, quando na verdade, o que pode lhe faltar é preparo interno para tal aprendizagem. (LOURO, 2006, p. 61)

Na aula seguinte expliquei que a mão esquerda fica em cima e a direita fica embaixo na flauta doce. Depois relembramos como era o ritmo da música “Bem te vi” e tocamos na flauta. Salientei a importância da articulação da língua, e após algumas tentativas notei que os alunos com Síndrome de Down estavam tendo maior dificuldade em articular a língua devido à espessura que esta possui.

Toquei as notas musicais da escala de Dó maior na flauta e falei que na música que nós estávamos tocando precisávamos usar a nota Dó. Mostrei o dedilhado da nota e então passei um por um auxiliando na posição dos dedos. Os alunos posicionaram as mãos e sopraram, porém um aluno com Síndrome de Down não estava conseguindo articular os dedos, ele não possuía o movimento de pinça, segurando a flauta com

² Arranjo de Isolda Frank que consta no livro “Método para Flauta-Doce Soprano” de 1982.

a mão toda. Os alunos tocaram a nota Dó soprando livremente, sendo que uma aluna soprava muito forte, apitando a flauta. Expliquei que era para soprar fraquinho porque a nota escapa se soprar forte e, depois de algumas tentativas, ela conseguiu encontrar o som certo. Separei a turma em dois grupos, o grupo que iria tocar flauta e o grupo que iria tocar tambor. Nessa perspectiva, Beineke (2001) ressalta que:

...a prática profissional caracteriza-se por envolver situações de incerteza, singularidade e conflito, apresentando problemas que não estão bem definidos e organizados. Por isso, a própria natureza da prática exige que o profissional encontre soluções únicas para problemas específicos. (BEINEKE, 2001,p.89)

O aluno autista que não possuía o movimento de pinça foi colocado no grupo dos tambores, assim ele se sentiu acolhido, pois fazia o ritmo junto com outros colegas enquanto alguns tocavam a música na flauta doce. Os alunos que estavam com a flauta, tocaram a música apenas com a nota Dó.

Em uma outra turma um aluno sugeriu que nós tocássemos a música “We Will Rock You” da banda inglesa “Queen”. Entreguei um tambor para cada um e comecei a tocar o ritmo da música. Muitos disseram que conheciam, sendo que uma aluna até começou a cantarolar a música. Ao tocar a melodia e bater uma semínima no tambor eu levantava as mãos e eles começaram a fazer o mesmo, acertando o ritmo da música.

6 . GRUPO B2

Esta turma era muito pequena, com apenas dois alunos, uma menina, que possui déficit de aprendizagem, e um menino que é autista. O menino não me olhava diretamente. Toquei as músicas “Coco Peneruê” de Waldemar Henrique e “Rosa Morena” da cultura popular para mostrar o timbre da flauta. Os dois aplaudiram, porém o menino continuou aplaudindo por muito tempo, como se estivesse tendo movimentos involuntários das mãos.

Entreguei um tambor para o aluno fazer o mesmo que nós estávamos fazendo, porém no tambor e não na flauta e ele realizou a tarefa, mas não quis continuar. Entreguei dois ovinhos para ele e continuei tocando no tambor, ao lado do aluno, enquanto a menina tocava na flauta, assim ele conseguiu se organizar e me acompanhar com os ovinhos. Beineke relata que “quando falamos em uma ‘pedagogia das diferenças’ na sala de aula, assumimos também que o professor precisa saber administrar os processos de aprendizagem dos alunos e potencializar condições para que eles se desenvolvam” (BEINEKE, 2003, p.64). Portanto, com este aluno tive que mudar a proposta, para que ele pudesse participar efetivamente da aula e se apropriar do conhecimento.

Toquei a música “Bem te vi” na flauta e expliquei que iríamos treinar o ritmo dela. Fiz na flauta o ritmo para a menina fazer junto. Após algumas tentativas ela conseguiu fazer. Então fui para o tambor tocar ao lado do menino, que ainda estava com os ovinhos, toquei a pulsação da música e ele se juntou a mim, dobrando a pulsação. Na aula seguinte mostrei no tambor o ritmo da música do “Queen” e o menino começou a cantarolar a música e a menina a bater palmas no mesmo ritmo que eu estava fazendo. Mostrei o ritmo da música nos tambores e menina tocou comigo, porém o menino tocava só de vez em quando. Perguntei se ele sabia cantar a música e então toquei na flauta e ele cantou a melodia.

7 . GRUPO A 1

Realizamos as atividades com as flautas para que os alunos desmontassem, utilizando apenas a cabeça da flauta, seguida das explicações sobre a articulação. Começamos a soprar em semínimas num compasso 4/4 e um dos alunos ficava passando a flauta de um lado para o outro da boca, então expliquei que precisava ficar parada no meio da boca, para o som não sair tremido. Ele parou, mas às vezes repetia esse movimento.

Apresentei a música “Bem te vi” e expliquei que essa seria a peça que eles iriam aprender a tocar na flauta. Segundo Cuervo e Pedrini “utilizar a flauta doce como uma das possibilidades no ensino de música é abrir caminhos de exploração e criação, quebrar pré-conceitos, valorizar as preferências musicais dos alunos, sem deixar de ampliá-las.” (CUERVO, PEDRINI, 2010, p.53). Começamos a tocar o ritmo da música, o aluno que anteriormente estava passando a flauta de um lado para o outro da boca teve maior dificuldade. Então solicitei para todos ficarem de pé e caminharem no ritmo da música, depois sentamos novamente batemos palmas e em seguida distribuí os tambores e tocamos.

Trabalhamos o ritmo da música, com comprometimento do mesmo aluno que estava com dificuldade na flauta, e comecei a tocar a pulsação da música com ele enquanto os outros tocavam o ritmo. Esse mesmo aluno, enquanto tocávamos “Bem te vi”, começou a percutir o ritmo da música “We Will Rock You”. Paramos de tocar e falei para ele de qual música era o ritmo e ele disse que gostava dela. Após, acrescentei a música ao repertório de todas as turmas.

8 . GRUPO A2

Comecei a regência tocando “Coco Peneruê” e “Rosa Morena” para eles ouvirem o timbre da flauta, uma aluna que é autista aplaudiu e ficou pedindo a música “Asa Branca”, também toquei essa música sendo que, enquanto eu tocava, ela ficava

cantando a letra. Depois entreguei para eles as flautas e pedi que desmontassem elas. Expliquei a importância da articulação da língua e testamos essa articulação soprando em semínimas em um compasso 4/4. Notei que uma das alunas tremia os lábios para soprar, ela tem um déficit de aprendizagem e sempre foi muito tímida nas observações realizadas anteriormente.

No encontro seguinte comecei a tocar a batida da música “We Will Rock You”. Um aluno começou a cantarolar e disse que seu pai ouvia essa música. Uma aluna também disse que conhecia. Entreguei tambores para os alunos e tocamos algumas vezes a música.

Parei de tocar o tambor e pedi que continuassem sem mim e comecei a tocar a melodia na flauta, a aluna autista cantarolava junto, além de tocar corretamente o ritmo no tambor. Após, nos direcionamos para a flauta e mostrei como era a nota Lá e treinamos a troca da nota Dó para a nota Lá. Depois treinamos essa troca dentro do ritmo da música. Os alunos ficaram muito felizes que estavam conseguindo tocar. Nesse sentido, Louro comenta que:

No decorrer do processo de aprendizagem, o aluno tem a possibilidade de entrar em contato consigo mesmo, no momento em que se depara com os obstáculos e conquistas do fazer musical. Dessa maneira, encontra-se diante da possibilidade de trabalhar de forma objetiva suas dificuldades e limitações; de descobrir nesse processo suas capacidades e talvez perceber que o limite pode ser a mola propulsora para sua realização pessoal, seja ela musical ou de outra natureza. Essa é a grande contribuição da educação musical no processo do desenvolvimento humano (LOURO, 2006, p.28).

No final da aula a professora dos alunos e a direção foram assistir eles tocando a música “Bem te vi”.

9 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar o estágio em uma Escola de Educação Especial nos mostrou que educação musical neste ambiente é possível, apesar das dificuldades e diversidades encontradas em sala de aula. Trabalhar com flauta doce soprano foi um desafio, pois é um instrumento que exige a articulação da língua e o trabalho de digitação envolvendo a motricidade fina, e muitos alunos da educação especial possuem dificuldade para articular. Além da questão dos movimentos involuntários que muitos possuem, mudando a sonoridade do instrumento. Segundo Joly:

[...] a música é um fator importante para favorecer o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais. Desde que o professor consiga planejar adequadamente, a aprendizagem de comportamentos musicais se dá de maneira gradual e crescente, tanto em termos quantitativos (a criança aprende mais de aula para aula) como em termos qualitativos, isto é, a criança aprende comportamentos cada vez mais complexos. (JOLY, 2003, p.83)

Apesar das dificuldades, os alunos demonstraram gostar do instrumento e das aulas de música, pois à medida que as aulas iam acontecendo, eles observavam a sua evolução, tanto na prática de flauta doce, quanto no acompanhamento da pulsação e ritmo. A gratificação ao final das regências foi muito grande. Podemos perceber que os alunos estavam interessados e realizados com as conquistas alcançadas ao final das aulas.

Os conhecimentos adquiridos na academia me prepararam para o estágio, porém para muitas situações tive que encontrar soluções imediatas que não estavam no planejamento, adaptando-o. Mesmo já conhecendo a escola e alguns alunos, foi uma situação nova para mim, já que nunca havia trabalhado com flauta doce soprano com eles e nunca havia regido aulas sozinha, sem outros bolsistas do PIBID acompanhando. Beineke (2007) comenta:

Entendemos que as ações pedagógicas dos estagiários revelam-se no contexto da sala de aula, em um momento importante de sua formação inicial, quando enfrentam o desafio de articular os conhecimentos construídos até então, fora e dentro do contexto universitário, com as necessidades cotidianas de sala de aula. (BEINEKE, 2007, p. 74)

Aprendi muito neste período, pois, como estagiária, tive uma experiência que fez com que crescesse como docente. Além de descobrir como é reger uma aula de música na educação especial, também aprendi a pensar nas individualidades dos alunos durante meu planejamento, e a adaptar o planejamento quando necessário, resolvendo questões que surgiam ao longo das regências.

Finalizamos essas breves reflexões destacando que essas aprendizagens e desafios foram tanto da estagiária quanto da professora orientadora desse estágio, no sentido de pensarmos nos contextos da educação musical especial e inclusiva, em percebermos o potencial de cada aluno e aluna em um processo constante para fazermos música coletivamente no contexto da diversidade.

REFERÊNCIAS

BEINEKE, Viviane. A diversidade em sala de aula: um olhar para a prática de uma professora de música. In: *Revista do Centro de Educação UFSM*. Santa Maria, vol. 28, n. 2, p.59-70, 2003.

BEINEKE, Viviane; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A mobilização de conhecimentos práticos no estágio supervisionado: um estudo com estagiários de música da UFSM/RS e da UDESC/SC. In: *Revista Música Hodie UFG*. Goiânia, vol. 7, n. 2, p. 73-88, 2007.

BEINEKE, Viviane. Teoria e prática pedagógica: encontros e desencontros na formação de professores. In: *Revista da ABEM*. Porto Alegre, vol. 9, n. 6, p. 87-95, 2001.

BIONDO JÚNIOR, Edson Ribeiro; RAYMUNDO, Diewerson do Nascimento. Educação Musical no contexto de jovens e adultos com diversidade funcional intelectual: Recurso de apreciação musical. *Revista da Fundarte*, v. 41, n.41, 2020.

CUERVO, Luciane. A Expressão da Musicalidade com a Flauta Doce: Reflexões e Estratégias. In: *XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA*, 8 a 11 de outubro, Campo Grande, p. 3, 2007.

CUERVO, Luciane; PEDRINI, Juliana. Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre a criatividade na aula de música. In: *Música na educação básica. Associação Brasileira de Educação Musical*. Porto Alegre, vol. 2, n. 2, p.48-61, 2010.

FRANK, Isolde M.. *Método para flauta-doce soprano*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1982.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. In: *Revista do Centro de Educação UFSM*. Santa Maria, vol. 28, n. 2, p.79-86, 2003.

KEENAN JÚNIOR, Daltro; KREMER, Morgana. A inserção de estudantes com deficiência visual em cursos de Licenciatura em Música: um estudo de caso na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. *Revista da Fundarte*, ano 18, n.35, 2018.

LOURO, Viviane; ALONSO, Luís; ANDRADE, Alex. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: Ed. Do Autor, 2006.

MORATO, Cíntia; GONÇALVES, Lilia. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! In: SOUZA, J. e MATEIRO, T. (Org). *Práticas de ensinar a música*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 119-132.

SCHAMBECK, Regina Fink. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. *Revista da ABEM*, Londrina, v.24, n.36, jan/jun. 2016.

TORRES, Maria Cecília de A. R.; SILVA, Nisiane Franklin. Educação Musical Inclusiva em um Curso de Licenciatura em Música: Relato de uma experiência. *Revista da Fundarte*, v. 40, n.40, 2020.

WILLE, Regiana Blank; MEDINA, Luana; LANG, Andréia de Souza; MIRANDA, Diocelena. Educação Musical e Inclusão: Possibilidades de atuação. *Revista Expressa Extensão*, v.23, n.3, Set/Dez, Pelotas, 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

Having marveled at the music of great film composers, **Javier Albornoz** began to study the clarinet and saxophone as well as experimenting with recording and MIDI technology at nine years of age. He found the enjoyment of creating music so fulfilling that it sparked the desire in him to pursue a career in the music field early on.

Javier has a bachelor's degree from Berklee College of Music and a Master's degree from the University of Miami and has worked in audio post-production for over a decade. He is also a proud member of The Alhambra Orchestra in Coral Gables, serving as assistant principal clarinetist and writing commissioned orchestral works premiered in 2015 and 2016.

In recent years, Javier has contributed dozens of works to a production music library, while also working with several Malaysian animation studios in the production of television pilots that have been featured at the Asian Animation Summit, MIPCOM, and other international conferences and markets.

Also versed in audio post-production and sound design, Javier has taught in the graduate music technology department at the University of Miami's Frost School of Music and works with students in the Animation and Game Development department and composition students at New World School of the Arts and Miami Dade College.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acompanhamento ao piano 1, 4, 8, 12

Aprendizagem 16, 31, 32, 33, 36, 41, 42, 43, 45, 50, 96, 98, 102, 109, 110, 111, 113, 116, 127, 130, 138, 145, 146, 147, 149

Área Educacional 100, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 179, 180

B

Banda Marcial 83, 84

Bateria de Escola de Samba 51

C

Chocalhos brasileiro 59

Conciencia corporal 23, 25

D

Documentos Legais 132, 135, 136

Duas baquetas 67, 68, 71, 73, 79, 80, 91, 92

E

Educação especial 133, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 173

Educação musical 84, 85, 101, 111, 112, 114, 116, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 132, 141, 144, 149, 150, 151, 163, 172

Educação Musical 84, 85, 101, 111, 112, 114, 116, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 132, 141, 144, 149, 150, 151, 163, 172

Ejecución motora 23, 26

Ensino do piano 98, 99, 102, 112

Ensino médio 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 135

Equivalência de mensuração 152, 153, 154, 161

Escala de Comunicabilidade Musical 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

Escola 14, 15, 16, 51, 52, 56, 58, 60, 80, 85, 100, 105, 106, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 140, 141, 143, 144, 145, 149, 150, 160, 164, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Estratégias para Construção da Sonoridade de Coros Amadores 17

F

Flauta doce 37, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Formação 1, 2, 4, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 20, 31, 32, 33, 35, 37, 39, 46, 47, 68, 79, 85, 93, 96, 100, 101, 104, 106, 107, 109, 110, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 128, 129, 130, 139, 140, 141, 142, 145, 150, 151, 164, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 178, 180

H

Habilidades 1, 2, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 25, 27, 43, 65, 111, 112, 137, 138, 139, 145, 156, 166

Harmonia 4, 44, 45, 46, 47, 86, 105, 107

História do piano 98

I

Inclusão escolar 132, 139

J

Juventude 124, 125, 126, 128, 130, 131

L

Lesões Musculoesqueléticas 83, 85, 86, 90, 93, 95

M

Memória 3, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 112

Memorização 31, 32, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 110, 145

Musicoterapia 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181

N

Notação 6, 51, 52, 53, 61, 76, 102

O

Orientações Curriculares de Música 114, 115, 117, 119, 120, 122

P

Pedagogía instrumental 23, 25, 29

Percepción sensorial 23, 27

Percussão 3, 37, 58, 59, 62, 66, 67, 68, 69, 73, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 88, 91, 92, 93, 95, 97, 145, 175

Performance 8, 15, 16, 17, 22, 24, 31, 32, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 59, 63, 66, 84, 85, 91, 92, 95, 98, 100, 104, 105, 115

Performance musical 31, 38, 39, 42, 43, 45, 50, 95, 98

Piano 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 21, 50, 62, 68, 70, 72, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Piano no Brasil 98, 99

Planejamento de Ensaio para Coros 17

Políticas públicas 126, 132

Postura Corporal 30, 83
Processos sensomotrizes 23
Processo de musicalização 143, 144
Psicologia cognitiva 31, 33, 43

R

Repinique 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58

S

Sonoridade 3, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 51, 57, 63, 149, 173, 177

T

Transmissão de Cultura 114

Transtorno do Neurodesenvolvimento 152, 153, 154, 156, 157, 160, 161

Transtorno psiquiátrico 132, 139, 141

V

Validação 152, 153, 160, 161, 162, 164

Vibrafone 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 81, 82

Vínculo Terapêutico 164, 165, 166, 167, 170, 171, 174, 178, 179, 180



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**